O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Thereza Chaves

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Portugal e Hespanha: anno 1$300; semestre 650. Colonias portuguezas, salvo quando os assignantes mandem pagar directamente, 1$600. Extrangeiro, exceptuando Hespanha, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 18 DE SETEMBRO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal 120 réis a linha. Primeira pagina 15000 réis. Ultima pagina — pagina d'annuncios — 40 réis a linha. Em qualquer pagina a linha é contada em columna d'annuncio.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Nº 1:378

Só a chicote!

Escrevem-nos:

«A rainha, Wenceslau de Lima, o proprio juiz d'instrucção criminal que tão energico se mostrára ao principio, cahiram nos braços do teixeirismo abdicando inteiramente perante os regicidas e os amigos da desordem. E em face d'isso o rei tem algumas attenuantes»

D. João I tinha contra si a mulher, os cunhados, os primos, a fidalguia toda, que era n'esse tempo o mais forte e o mais temivel poder do Estado, e não deixou de apunhalar o duque de Vizeu, e de levar o duque de Bragança e muitos outros ao cadafalso.

D. José tinha contra si a mulher, a filha, o irmão, o confessor, os fidalgos, tudo quanto o rodeava, e não deixou de expulsar os jesuitas e de manter contra tudo e contra todos o marquez de Pombal.

Pois luctar contra os fidalgos, no tempo de D. João II, e contra os jesuitas, no tempo de D. José, era bem mais difficil e perigoso que luctar contra o Teixeira de Sousa, o José d'Alpoim e o Affonso Costa.

D. Manuel II não é, dir-me-hão, nem o rei D. José, nem o Principe Perfeito. E eu respondo: nem D. Fernando I, nem D. Sancho II, nem D. Affonso VI. Elle é espantoso, elle é assombroso, elle é unico na historia.

Eu já disse aqui e torno-o a dizer: não quero abrir campanhas, nem as abri, nem as abro, contra o rei. Não tenho má vontade pessoal, a não ser aquella que deriva da legitima indignação de quem vê um piloto, por formidavel impericia ou maldade, a atirar, patentemente, com um barco para cima d'um rochedo, não tenho má vontade pessoal, digo, contra o rei. Mas não estou resolvido a calar a verdade para ajoelhar humildemente a beijar a mão ao menino, porque o menino é rei.

Eu tenho dicto aqui, digo e direi, independente de todas as facções, de todas as seitas religiosas ou politicas, de toda a gente, apenas aquillo que me dicta a minha consciencia e o que á minha razão se me afigura o bem do Estado. E, em obediencia a esse espirito, assim como combato vivamente a quadrilha republicana, assim como combato vivamente as quadrilhas monarchicas, assim repito e torno a repetir, disse e torno a dizer: o rei D. Manuel não se compara com D. João II ou D. José I, como não se compara com o avô, com D. Luiz, ou com D. Sancho II, D. Fernando I ou D. Affonso VI. Nem com os valentes nem com os fracalhões. Nem com os atilados nem com os insensatos. Elle não se compara com ninguem. Elle é assombroso, elle é espantoso, elle é unico na historia.

Esta é a grande verdade.

D. Fernando I, que fez coisas muito boas no meio de coisas muito más, que era manifestamente intelligente, enleou-o e matou-o o amor d'uma mulher. Ahi, ha uma explicação, uma cabal explicação, para quem conhece a psychologia e a physiologia, e sabe os terriveis effeitos das paixões. D. Sancho II, tambem preso em amores, cahiu em lucta com o papa. Não foi um pulha que *gramasse* todos os attentados á sua dignidade de homem e de rei. Cahiu, mas cahiu luctando, resistindo, batendo-se como um homem. E D. Affonso VI, com toda a sua degenerescencia desgraçada, apoiou, sustentou, e não houve intriga, ameaça nem pressão que o levasse para o campo contrario, um dos rarissimos homens de talento e patriotismo, de verdadeiro talento e patriotismo, que teem apparecido á frente dos negocios publicos n'esta patria aviltada.

Quem pode ahi comparar D. Manuel com os peores reis da nossa historia? Nem com D. João VI, que, solteiro como elle, livre da infame da mulher, das filhas prostituidas, da cambada dos filhos, teria feito melhor obra.

Manuel Pinheiro Chagas definiu a politica de D. Luiz *politica de serralho*. Mas esta já se não pode definir senão como nós a definimos: *politica crical*. No tempo de D. Luiz quem mettia medo era Saldanha. No tempo de D. Manuel quem mette medo é o Borracho. No tempo de D. Luiz o favorito era Fontes. No tempo de D. Manuel o favorito é Wenceslau, o *Cricas I.* E que favorito era Fontes? Era um favorito *sem cama e mesa* no Paço Real. Não era um favorito. Era um predilecto. E predilecto, não da rainha mas do rei. Era um homem, não era um fraldiqueiro. Ia ao Paço como ministro ou como conselheiro d'Estado. Fóra d'isso, não ia lá *cheirar*. E, comtudo, Oliveira Martins pedia *abdicação e dictadura*. E, comtudo, Manuel Pinheiro Chagas fulminava, n'um impeto de indignação, a *politica de serralho*. D. Luiz era para todos um fracalhão e um dissoluto que conduzia o paiz a uma voragem.

Quem ousa comparar com este reinado seja que reinado fôr da nossa historia?

Em que reinado se fez o que o imbecil do Villacinha e o borra do Beirão fez ao Borracho e o que acaba de lhe fazer esse bando de pulhas que, actualmente, está no poder?

Em que reinado os inimigos do rei, ou das instituições, e inimigos da laia do Affonso Costa e Margarido, foram arbitros omnipotentes das decisões do Estado?

Isto é espantoso, é assombroso, é unico na historia. E não só na historia portugueza. Na historia mundial, na historia universal.

Passar por cima do cadaver do pae para ser rei, tem-se visto. Mas para ser rei a valer. Mas pela ambição, a soberba da dignidade real. Para reinar sem peias, sem affrontas, sem partilhas, na satisfacção d'um grande orgulho, d'um espirito d'auctoritarismo feroz, ou na mira da execução d'um grande plano patriotico. Mas passar por cima do cadaver do pae para estender os pulsos ao jugo alheio ou para dobrar a cerviz aos assassinos, é espantoso, é assombroso, é unico na historia.

Qual é o acto de sentimento, qual é o acto de intelligencia que distingue este homem?

D. João II foi um algoz. Mas além de uma intelligencia superior, foi um pae amantissimo e um filho extremoso. Esse homem, tão cioso da dignidade de rei, tão consciente da inferioridade de seu pae como rei, não hesitava um instante em restituir a seu pae a coroa que seu pae lhe dera fazendo-o rei. Esse homem não tem outra visão, outro pensamento, que o filho adorado que a morte, n'um momento desastrado, cruelmente lhe arrancou. A par d'uma grande intelligencia possuia grandes sentimentos, esse algoz.

E' difficil attingir essa intelligencia? E'. Mas é facil attingir aquelle sentimento. Bons filhos ha-os aos milhares. Bons paes ha-os aos milhões. O que não ha, o que é raro, o que nem o proprio Nero, capaz, este, de matar a mãe, mas incapaz de deixar de frigir em azeite quem lh'a matasse contra sua vontade, o que nem o proprio Nero faria, o que deve causar o assombro do proprio Nero na Eternidade, é este facto espantoso, assombroso, unico, de D. Manuel II correr com os que defendem a ordem, a legalidade, a justiça, para premiar o Ribeira Brava, o Arroyo, o Borracho, e curvar a cerviz, humilde, subserviente, contente, ao Alpoim e ao Affonso Costa.

Apre... que é demais.

Dizem: o rei está illudido; o rei julga que os do bloco é que são auctores de todas as violencias e que o Teixeira de Souza é a legalidade personificada; o rei imagina que o Teixeira de Souza, com os seus processos, traz a paz e a confraternidade.

Mas então não se senta no throno D. Manuel II. Senta-se *D. Manelsinho I!*

Não lhe procurem cognome, quando morrer, para o distinguir na historia. Está achado: é *D. Manelsinho I!*

Sempre espantoso, sempre assombroso, unico, unico, sempre unico na historia!

Então elle não vê? Vê um cego e não vê elle, com boa vista e com os dois olhos abertos?

Este paiz é phantastico. Deus creou isto, não ha que ver, para desmentir tudo quanto se diz sobre a intelligencia do homem.

Então quem mandou juntar tropa no Sabugal, na Covilhã, em toda a parte? Então, com os recursos da tropa, com as forças do poder, o Teixeira de Souza não poude conter as *violencias* do bloco? Então o rei não sabe quem é o Motta Veiga, quem é o Louza, quem é o Soeiro? De que lhe serve a sua policia especial, que a deve ter, como a tinha seu pae? Então o rei deixa arvorar em santos e martyres, — e *come-os* como santos e martyres, — o Costa Ornellas, o Soeiro, o Louza e o Motta Veiga? E tantos outros? Não ha duvida. Não é D. Manuel II quem se senta no throno. E' o menino das bruxas, é Marco Tulio, é *D. Manelsinho I.*

Então quem fez o Ribeira Brava deputado? Não ha provas positivas. Mas o rei, mas o juiz d'instrucção criminal, mas o Teixeira de Souza, mas toda a gente está *convencida* da cumplicidade do Ribeira Brava e dos filhos na morte de D. Carlos. Quem fez o Ribeira Brava deputado?

Quem nomeou o João Arroyo ministro em Paris?

Quem trancou o castigo do Borracho? Foi o bloco?

Quem propõe amnistias? Quem nomeia administradores de concelho republicanos? Quem, sendo governador civil, janta com o Affonso Costa, arvorada no edificio em que se janta a bandeira republicana e tocando a *Marselheza* o fungagá?

Isto é uma troça. Em cima da infamia, troça. A peor affronta que se pode fazer a quem tenha restos de dignidade.

Já o dissemos no domingo e hoje o dizemos novamente: politica liberal ou reaccionaria, clerical ou anti-clerical, conservadora ou democratica, é o menos. O importante, o grave, é este desprezo de todo o espirito de auctoridade, é este attentado permanente a toda a seriedade, é esta anarchia, este regabofe, esta choldra, esta bandalheira ignobil. E, por cima, a troça. A troça, que é a ultima injuria, que é a ultima affronta e que só um povo indigno, deshonrado, aviltado, pode tolerar sem pegar n'um chicote!

Liberdade! Justiça!

Liberdade e justiça de bandidos. Moral de quadrilha. Liberdade d'elles fazerem o que quizerem, justiça que os absolva de todos os seus infamissimos attentados.

Liberdade para matar o rei D. Carlos, para matar o Nunes Pedro, para falsificar inscripções, para lançar o fogo á Magdalena. Justiça para absolver o Leanro, para absolver o Djalme, para absolver os assassinos do Nunes Pedro, para absolver os assassinos de D. Carlos. A justiça não os absolve? Abaixo a justiça, que é justiça de *bloco!* E viva a justiça dos dissidentes, a justiça dos republicanos, a justiça da *redempção nacional!*

Liberdade para os republicanos serem administradores do concelho e empregados de confiança ministerial. Liberdade para os funccionarios do Estado conspirarem nas repartições publicas contra o Estado e pedirem nos comicios, nas ruas, nos clubs, revolução, dynamite contra as instituições que teimam em não lhes pedir licença para lhes fazer presente do *queijo cobiçado*. Mas transferencias, castigos, pressões, tyrannias, para todos os funccionarios que se atreverem a votar ou querer votar nos *candidatos monarchicos* que lhes desagradarem e *listas marcadas* para os policias e para os archeiros do Paço. Policias, archeiros do Paço, creados do Paço, funccionarios de qualquer natureza podem votar *livremente* nos republicanos. Mas ai d'elles se votam ou tentam votar em candidatos *monarchicos* que o governo não indicar. E para que *não votem* **marcam-se lhes as listas.** E para se saber se votaram ou não, procede-se a *inqueritos rigorosos*.

Tal é a *liberdade do voto* da *libardade redemptora* em Portugal!

O governo pode partir urnas, roubar urnas, falsificar votações, escamotear listas e cadernos, matar eleitores, que está bem. Foi correcto! Foi legal! O Tribunal de Verificação de Poderes quer averiguar? Não pode. Foi correcto! Foi legal! O governo de Teixeira de Souza é incapaz de praticar violencias e illegalidades. Se o Tribunal de Verificação de Poderes quizer averiguar, ou disser o contrario, é *justiça predial*. Ha um bando de sicarios e de pulhas que, em nome da *republica*, que, enchendo a bocca com *democracia*, ousam affirma-lo, ousam sustentar esta infamia nos seus jornaes.

Os pulhas! Ultimos pulhas! A escoria da canalha, que envergonha os presidiarios que arrastam grilheta por esse mundo fóra!

Um official do exercito atreve-se a dispôr da sua influencia eleitoral em favor de um candidato hostil a teixeiristas, dissidentes ou republicanos? *Papa-feijão* intervem, sem demora. Mas o Borracho pode escrever á vontade nos jornaes republicanos, frequentar espeluncas republicanas, dizer em plena camara alta que escarra nos mais altos funccionarios do Estado, voltar em plena rua as costas ao Rei chamando-lhe malandro, desafiar arrogantemente, insolentemente os ministros, *que é sagrado*. Tocam-lhe? Foi um attentado. E tudo ajoelha a offerecer-lhe... desaggravo.

Só a chicote. São tão pulhas, e tão garotos, e tão descarados, e tão deslavados, tão destituidos de brio, de vergonha, que enforca-los, fuzila-los, já é honra demasiada. Para elles só o knout, só o azorrague de que usam nas ruas os cossacos, para lhes vergalhar, cortar, ensanguentar o rosto estanhado.

Arre, pulhas! Grandes miseraveis!

E só faltava que a força do rei, a força enorme que representa um rei em toda a parte, se pozesse ao lado d'estes bandalhos, d'estes bandidos, d'estes canalhas, ao serviço da moral de quadrilha, a moral immunda, latrinaria, que representam os miseraveis, em logar de se pôr ao lado da ordem, da decencia, do respeito devido ás pessoas e ás sociedades!

Arre...

Processem, querelem, mettam-nos na cadeia, mas nós gritaremos, em todas as conjuncturas e em toda a parte, até este estado de coisas terminar ou se nos extinguir a voz, nós gritaremos:

Só a chicote!

Só a chicote!

Julgamento do "Povo de Aveiro,,

Mais uma vez adiado.

O sr. dr. Alvaro de Moura ainda não está bom dos padecimentos que ao primeiro julgamento o fizeram faltar. Tornou a faltar.

A proposito: os pulhas do *Immundo* tambem já empregam como motivo d'amnistia o *Povo de Aveiro*.

Temos a honra de dizer a Sua Majestade que, por nossa parte, não só a dispensamos, á amnistia, como mettemos requerimento para que não seja concedida *a ninguem*.

A outro rei não seria preciso lembrar-lhe que concede-la, alem d'um grande erro politico é ultrajante do seu brio e da sua dignidade.

Conceda-a, se quizer. E se ella vier, é claro, ou seriamos um fanfarrão asnatico, que a havemos de aproveitar. Mas não só a não pedimos, como a condemnamos, como a rejeitamos, como lamentamos profundamente ter de a aproveitar.

Oiça bem Sua Majestade.

Para Togo... é plebeu demais!

O nosso illustre Togo estreiou-se n'uma *berzundela* republicana em Braço de Prata. E o *Immundo* começa por descrever a festa d'este modo:

«Estando todos os convivas *a postos*, começou o ataque, successivamente, á canja, aos *croquettes*, ao peixe, ao assado, á gallinha, ao prato de resistencia, aos fructos e ao doce, tudo regado com vinhos de pasto e do Porto. O ataque foi em fórma, como não podia deixar de ser, attendendo á hora, ao local e ao passeio que, do Poço do Bispo alli, era de natureza a despertar o appetite, que um incessante tiroteio de alegres conversas ainda mais acirrava. Mais de hora e meia levaram estes *trabalhos preliminares* de mastigação, que se passaram agradavel e animadamente, reinando entre todos os convivas a maxima alegria e a mais fraternal camaradagem.»

Quer dizer: foi uma grande bebedeira. A bom entendedor meia palavra basta. Foi uma grande bebedeira. Como, aliás, era proprio, para não desmentir... as tradições e os actos makavenkikos.

Ora obrigar o illustre Togo a presidir a essa *festa*, foi dar provas de... de pouco acatamento.

Esse Togo dá em vasa barris não tarda nada. Como tudo. Como todos. Mais um paspalhão. E por ahi ficamos.

Ora hão de ver.

Zé Barbosa

Com grande pasmo nosso vimos no orgão official da prostituição nacional a noticia de que o Zé Barbosa é membro do Directorio.

O Zé Barbosa!

E continuam as gentes da *Protectora* a affirmar que Lisboa trata mal os animaes.

Já é abusar dos termos!

Eureka!

Zé Barbosa a brindar, n'um banquete republicano:

Acima do talento está a honestidade, força primordial que dá ao partido republicano todo o prestigio de que gosa no paiz inteiro.

Ora eis achado o motivo porque o gatuno do Zé Barbosa foi elevado ás altas funcções de membro do Directorio.

O Arthur Leitão diz o mesmo. Mais o Padua Correia. Mais o Ribas d'Avellar. Mais o Margarido. Mai-lo Affonso Costa.

A força *primordial* de todos elles é a... *honestidade!*

Dantas Borracho

N'esta sociedade prostituida, n'esta patria moribunda, já tudo é d'esperar. Seja o que fôr. Todavia, é preciso que a desvergonha tenha ido muito longe, que a certeza da impunidade seja muito grande, para que um pulha se atrevesse a firmar e a publicar o documento que na ultima ordem do exercito *acabou de rehabilitar* Dantas Borracho.

Eis um acto que em caso algum se teria praticado no tempo de D. Carlos. D. Carlos era *dictador*, era *auctoritario*, era *arbitrario*. Seu filho não o é. Seu filho tudo admitte. Tudo subscreve. Pode-se, pois, fazer agora a comparação entre o auctoritarismo e a *libardade*. Ninguem de bom senso, ninguem, n'este paiz, deixaria d'optar, podendo, pelo auctoritarismo de D. Carlos.

O espantoso procedimento havido com Borracho, é, antes de tudo, uma affronta, uma bofetada no exercito. Tudo se tinha affrontado, já. Tudo se tinha cuspido. Tudo se tinha enlameado. Pois um miseravel que se diz official do exercito, e que ainda tem as barbas na cara para vergonha do mesmo exercito, não se peja, na sua inconsciencia, e na sua desvergonha, d'insultar, injuriar, cuspir, enlamear, affrontar aquillo que os maiores bandalhos até hoje, mais ou menos, haviam respeitado.

Na sua inconsciencia, disse. Na sua boçalidade. Ha n'aquillo desvergonha, impudor, desfaçatez. Mas ha, tambem, muita boçalidade. N'um dos seus aphorismos, escrevia Brillat Savarin, o auctor da *Physiologie du Gout*: **Dis-moi ce que tu manges, je te dirai ce que tu es.** Ora o que ha de ser um homem, cuja unica heroicidade conhecida é ter comido dez latas de rancho e tres pães de munição d'uma assentada?

Esse sapateiro pretencioso que se senta no ministerio da guerra, esse animal, nunca se distinguiu por outra coisa.

Esse animal! Que nem ao menos soube escrever, chamando para isso o coronel de cavallaria 9, Domingos Correia, os sophismas e *trues* nojentos com que pretendeu justificar a sua infamia. Esse animal!

Nunca nenhum ministro da guerra tinha chegado á baixeza de perseguir officiaes do exercito por motivos eleitoraes, a não ser que elles compromettessem a dignidade da sua profissão com actos escandalosos de publica notoriedade. Fê-lo esse comedor de latas de rancho, esse engulidor de pães de munição, esse tambormór de glutões de cozinha de soldado. E agora, o pulha, não hesitou em ir mais longe: deu na disciplina militar, affrontando todos os graus da hierarchia, o pontapé mais violento, mais descarado e mais brutal que em qualquer epocha, n'esta terra de pulhas, se tem aventurado.

E não houve, d'esse exercito, um homem bastante audacioso e bastante brioso para, dando um passo em frente, lhe arrancar a bigodeira e com ella fustigar-lhe a cara alvar.

Ainda ha poucos dias, ha muito poucos dias, eu lia n'um jornal francez um artigo magnifico,

sustentando que a unica força da disciplina militar era hoje, nos exercitos modernos, o exemplo.

Intitulava-se mesmo, o artigo, *L'Éxemple*. E d'elle recorto estes periodos:

« *L'exemple est, en effet, le plus sûr et le plus puissant moyen d'action dont dispose le commandement vis-à-vis des cadres et des citoyens-soldats de la nation armée; il est le fondement de la discipline morale; il assure l'ascendant du chef sur sa troupe.*

Autrefois, dans les armées de métier, quand le prestige du grade pouvait tenir à la naissance ou à la faveur d'un prince, il était possible de ne pratiquer l'exemple qu'en campagne, d'accourir de ses terres ou de la cour pour se mettre à la tête des régiments, de gagner rapidement leur sympathie par cette sorte d'élégance devant le danger et le mépris de la mort qui caractérisèrent toujours le tempérament français.

Aujourd'hui, où la grandeur morale de la tâche à remplir établit entre tous les combattants un lien de collaboration intime, où le développement de l'intelligence et de la personnalité du soldat lui permet de juger et d'apprécier, où, d'autre part, le chef doit s'imposer dès le temps de paix et ne le peut que par la révélation de sa valeur et une pratique exacte de ses devoirs, l'exemple est, pour le commandement, une nécessité contine, une nécessité de préparation à la guerre et d'exécution de la guerre, parce qu'il contribue au plus haut degré à créer et à développer chez le subordonné cette confiance morale, cette foi dans le succès sans quoi les armes et les engins les plus perfectionnés ne valent guère mieux entre les mains de l'homme, «instrument premier du combat», que les sagaies les plus primitives.

Cet exemple doit être constamment exigé de tous les chefs, et d'autant plus sévèrement que leur rang est plus élevé dans la hiérarchie. »

Ora o exemplo que se dá em Portugal, ei-lo ahi, nitido, decisivo, eloquente, no que se vem passando ha tempos com essa vil figura que dá pelo nome de Dantas Borracho.

E' um dos factos mais caracteristicos, ou, antes, é o mais caracteristico da covardia, da degradação, da prostituição do caracter nacional.

Ninguem o pode negar, em boa razão e em boa consciencia.

Não discutimos, porque uma intelligencia recta e clara não discute nunca o absurdo, a questão das taes immunidades parlamentares. A mais bronca intelligencia de paizano comprehende, nem falamos já nos militares, quanto essas immunidades são *absolutamente inapplicaveis* ao caso de que se trata. Absolutamente! Comprehende o mais bronco paizano o odioso privilegio, mais odioso que todos os privilegios do tempo do absolutismo, que resultaria do facto d'um militar estar sujeito ao regulamento disciplinar *por não ser par do reino* e outro não o estar *por ser par do reino*. Comprehende a impossibilidade d'um chefe castigar por uma infracção um subordinado, *que não é par do reino*, e não castigar por a *mesma infracção*, e commettida de cumplicidade com o outro, nas mesmas circumstancias, na mesma conjunctura, um segundo, co-participante, *que é par do reino*. Comprehende que d'essa forma a disciplina militar ficaria morta e enterrada.

Isto comprehende todo o mundo. Militar ou paizano. Intelligente ou estupido. São verdades intuitivas, das que são immanentes á natureza humana.

Dir-se-ha: mas o sr. Moraes Sarmento é general, mas o actual ministro da guerra é coronel, e deram opinião contraria. Isso equivale a negar a possibilidade de haver ladrões, assassinos, corruptos, porque a maior parte dos homens não são ladrões, nem assassinos, nem corruptos. O que a commissão parlamentar, a tal commissão da camara dos pares, demonstrou em o seu parecer, foi, simplesmente, que poude n'ella mais a covardia e o desejo de não se incommodar, alem do interesse especial que no caso obrigava o sr. Moraes Sarmento, que foi sempre um tartufão, ôco d'intelligencia e de caracter, que a força do bom senso, o espirito de justiça e de verdade.

Borracho *espanta elles*, todo o mundo o sabe. E porque Borracho *espanta elles*, Borracho tem ameaçado, tem batido, tem cuspido, e tudo se tem ajoelhado, miseravelmente, com medo, aos pés d'esse bandalho. Foi esse o motivo da indignidade de Villaça e de todo o ministerio Beirão. Foi esse o motivo do voto da maioria da commissão da camara dos pares, alem do interesse do tartufão do Moraes Sarmento, que não queria ser attingido pelo limite d'edade. E foi esse o motivo, alem das obrigações da alliança que prende agora o governo aos republicanos, de Teixeira de Souza ter imposto a resolução da ultima ordem do exercito ao *Papa-feijão*.

Dir-me-hão ainda: mas o facto de ser *par* não subtrahe o official ao castigo que merecer por uma infracção disciplinar. Apenas tem de ser julgado pela camara alta.

E' outro sophisma ignobil, só proprio d'esta raça d'escravos e que só esta raça d'escravos poderia, sequer, admittir á discussão.

O regulamento disciplinar do exercito tem caracter *summario* e absolutamente militar. Foi feito para ser applicado *immediatamente* e para ser applicado *exclusivamente* por militares. D'outra fórma, comprehende-o tambem o mais bronco paizano, seria, para o fim de disciplina que tem em vista, *completamente ineficaz*.

Isto é intuitivo. Tambem intuitivo. Por isso mesmo, ainda, indiscutivel. E o simples facto d'um militar admittir o contrario, como admittiram alguns membros da camara dos pares, e como agora o admitte o ministro da guerra, seria motivo para que lhes arrancassem, a todos, os galões, e lhes dessem, a todos, com elles na cara, se porventura em Portugal houvesse espirito de justiça em geral e espirito militar em especial.

A competencia do chefe é, disciplinarmente, um principio inatacavel. E' um principio inatacavel a egualdade perante a lei para todos os militares, principio tanto mais grave quanto é certo que sendo a lei militar uma lei d'excepção, e naturalmente despotica, só pela egualdade perante a excepção e o despotismo ella pode ser acatada. E é um principio inatacavel a successão immediata do castigo á falta praticada. Ferir a competencia do chefe, portanto a sua auctoridade, ou qualquer dos outros dois principios, é matar a disciplina, base indispensavel, *sine qua non*, de todos os exercitos.

Ora esses principios ficam *totalmente* destruidos desde que um militar tenha de ser submettido, por infracções que commetter, ao julgameato da camara dos pares.

Contra esta verdade tão patente, tão evidente, não ha sophismas que valham. A razão é esta. E' esta a consciencia. E' esta a lei.

Isto em absoluto ou em these.

No caso, porém, de que se trata, as circumstancias aggravantes são tantas que convertem o acto n'uma verdadeira affronta, n'um manifesto ultraje.

A covardia ou o espirito de facção poderá calar muitas boccas, ou levar outras a quererem abafar, com berros, a razão. Mas o que é certo é que não ha ninguem que, no fundo da sua consciencia, não reconheça que Borracho tem sido toda a vida um flagrante attentado á disciplina militar.

Pulha, ou não pulha, não discutimos. Nós temo-lo na conta d'um pulha, d'um grande pulha, e toda a gente honesta de Portugal. Mas admittimos facilmente que os pulhas como elle não sejam da mesma opinião. Bem se sabe que não consideramos o Borracho o unico pulha de Portugal. Ora pulhas e não pulhas hão de concordar forçosamente que um bebedo como o Borracho cahia debaixo da alçada do *Regulamento Disciplinar*. Vá que os pulhas não considerem um acto deshonesto a bebedeira. Vá que considerem, até, uma virtude andar pelos alcouces na pratica dos *exercicios devotos* a que o Borracho se entregava. O que não podem contestar é que o Borracho se embriagava. E que, depois de bebedo, dava escandalo publico em toda a parte. Logo, Borracho incorria, como official do exercito, nas disposições do *Regulamento Disciplinar*, que preveem, e rigorosamente castigam, essas faltas.

Primeiro facto assente e incontestavel.

Mas Borracho, alem de insolente quando bebedo, era insolente no seu estado normal. Insolente, insubordinado, ousado, com a fama de valentão que adquirira, portanto apoiado no medo que inspirava e que forcejava sempre, por novos actos, não só manter, como augmentar, Borracho entrava no *Mundo* descaradamente, Borracho escrevia no *Mundo* descaradamente, Borracho dizia no *Mundo* e dizia na camara dos pares as maiores affrontas contra toda a gente em geral e contra os seus superiores hierarchicos em especial. Eram duas infracções. Uma de caracter politico, outro de caracter puramente militar. De caracter politico quando frequentava o *Mundo* e os centros republicanos, exemplo altamente pernicioso na vigencia do systema monarchico. De caracter militar quando insultava o rei em plena rua, e na camara dos pares lhe dirigia as peores insinuações. Sem falar nas suas cartas insolentissimas aos presidentes do conselho, aos ministros do reino e aos ministros da guerra. E d'esse modo continuava elle sendo um flagrante attentado á disciplina militar.

Segundo facto assente e incontestavel.

Mas ha mais. Elle pretende, o bandalho, equiparar o seu caso ao que se deu no Algarve entre um governador civil e um medico militar. Sabendo que, por covardia, ninguem lhe responde, assim pretende salvar-se com sophismas grosseirissimos que não resistem a um momento d'analyse.

Ora começa porque, militarmente, não ha comparação possivel entre um conflicto succedido entre um medico militar e um governador civil e um conflicto entre um general e o ministro da guerra. Depois, o medico militar mandou propôr um duello ao governador civil, mas não o injuriou n'uma carta, mas não declarou insolentemente que lhe tomava a responsabilidade por artigos escriptos por terceira pessoa, a qual escrevia absolutamente independente das suas ordens ou da sua vontade, insistindo em repetir a insolencia quando o ministro da guerra e o presidente do conselho levavam a covardia e o esquecimento dos seus deveres até ao ponto de lhe responderem complacentemente á primeira carta. Basta a maneira porque o biltre pretende agora justificar o seu acto para mostrar quanto vale o caracter d'esse canalha. Porque não compara o miseravel o caso, occorrido com elle, com aquelle que se deu com o medico Cameira, de infanteria 12, castigado com uns poucos de dias de prisão disciplinar por ter mandado duas testemunhas, *unicamente por isso*, ao seu coronel? Miseravel!

Ha, pois, em Borracho, não só uma successão d'infracções disciplinares, mas uma successão de *graves infracções disciplinares*, gravidade *ainda aggravada*, ultimamente, com o facto d'elle ser *general*. Em paiz nenhum do mundo haveria deixado de ser severamente castigado, e até expulso do exercito, a ter continuado. Em Portugal, não só sempre ficou impune, como agora, sem estar julgada a sua reclamação pela camara dos pares, estando dependente da solução da camara, ou, por outra, da opinião da camara, a sua peregrina theoria de direito, um ministro da guerra, sem o delinquente ter reclamado, em tempo competente, pelos unicos meios admittidos pelo *Regulamento Disciplinar*, lhe manda *cancelar* o castigo que outro ministro da guerra lhe havia applicado.

Isto é o attentado mais grave, attentado social, politico e militar ao mesmo tempo, que em Portugal se tem praticado. Nenhum outro demonstra tão flagrantemente o completo espirito de banditismo que nos governa.

E' uma absoluta ausencia d'escrupulos, é um insolente desprezo da lei, é uma affrontosa provocação á dignidade nacional, é a proclamação atrevida de que esta nação está enfeudada a meia duzia de grilhetas, que entendem que podem dispôr d'isto, como de facto dispõem, com menos respeito que um exercito de conquistadores d'um povo conquistado. Teem mais respeito pela moral, pela lei dos paizes subjugados, pelos vencidos, por si proprios, como ainda n'outro dia a Inglaterra no Transvaal, do que estes miseraveis pelo que se chama povo portuguez e consciencia nacional.

Desprezo, insolencia, affronta, aliás justificadas.

Se o facto que acaba d'occorrer acaso fosse possivel em outro exercito, seria tal a irritação e a agitação dos quarteis que não só o ministro da guerra, como todo o ministerio, cahiria no dia immediato.

Em Portugal, onde ainda ninguem encheu o rabo de pontapés e a cara de bofetadas ao insolentissimo bandalho que se chama Dantas Borracho, onde não ha quem agarre na tromba d'essa besta de pau, d'esse comilão de pão de munição, d'esse glutão de feijões, esse animal que só poderia ser ministro n'este paiz d'entremez, para lh'a amachucar em cima d'um documento com que affrontou a lei, os brios da nação e, em especial, o pundonor do exercito, o ministerio fica e ainda engrandecido, parece, no conceito de Sua Majestade. Cloaca! Suja, immunda, fétida cloaca!

Mas como este artigo vae longo, d'esses dois pulhas, Borracho e Papa-feijão, em especial falaremos com mais vagar n'um artigo immediato.

A Patria está em perigo

N'uma jantarola que houve em Braço de Prata, o famoso Bombarda berrou que... **a patria está em perigo.**

O mariola já confunde a patria com o hospital de Rilhafolles!

Tartufos!

Continúa a guerra santa contra os clericaes. Mas ha uma pergunta a que ainda ninguem nos respondeu: o Affonso Costa é clerical? E' clerical o Alexandre Braga? E' clerical o Margarido? E' clerical o Derouet?

Abaixo os clericaes, se esses malandros são clericaes!

E' jesuita o Carlos Trilho? E' jesuita o Padua Correia? E' jesuita o Santos Cardoso? E' jesuita o Arthur Leitão?

Abaixo os jesuitas, se esses malandros são jesuitas!

E' reaccionario o Centeno? E' reaccionario o Arroyo? E' reaccionario o Ribeira Brava?

Abaixo os reaccionarios, se esses malandros são reaccionarios!

A tiro! Vamos a elles por todas as formas! A tiro! A tiro! Vamos a elles, que teem desgraçado, e projectam acabar de desgraçar, este paiz!

Malandragem republicana, malandragem dissidente, respondei. São jesuitas esses canalhas? São reaccionarios esses patifes? São clericaes esses bandalhos? Não ha ninguem n'este paiz que se não junte contra clericaes, contra jesuitas, contra reaccionarios.

Ah cachorros de clericaes, que ides pagar, agora, todas as infamias que tendes commettido!

A elles! A elles! Vamos enforcar esse ladrão d'esse jesuita que se chama Affonso Costa! Vamos fuzilar esse pulha d'esse reaccionario, esse ignobil *soutenneur*, que se chama Margarido! Como cães!

Ah, miseraveis, que ides morrer como cães!

A's armas contra os clericaes! A'vante contra os jesuitas! Cerco aos reaccionarios!

Em que estabelecimento foi educado o bandalho do Affonso Costa? Qual foi o coio jesuitico que formou a intelligencia d'esse tartufo, a alma d'esse ladrão? Foi Campolide? Feche-se immediatamente Campolide! Esse antro de feras! Esse foco pestilento!

A que congregação pertence o Margarido? E' franciscano? Então é como o Abundio e como o Quirino de Jesus. Fóra os franciscanos! Já! Fóra! Rua!

O Padua Correia é jesuita? Oh, que bandidos! Que bandidos! Como se criam monstros d'aquelles entre os jesuitas!

Mas n'esse caso não bastam, já, as leis do marquez de Pombal. A legislação da peste negra, é que é precisa. Lazaretos, cordões sanitarios, todas as fórmas de isolamento! Caça aos ratos! Morte ás pulgas! Que não reste uma pulga á face do paiz! Que não haja um rato n'um cano d'exgotto! Toquem os sinos a rebate, dêem as cornetas o toque d'alarme, que está a patria em perigo!

O Arthur Leitão é Marianno? Que raça damnada! Como esses frades infames, essas congregações malditas, essas aves agourentas inçaram de bandidos o paiz! Agarrem-nos, aos Mariannos, e não os expulsem sem os açoitarem na praça publica!

E o Arroyo? E o Centeno? E o Ribeira Brava?

E o Alpoim? A que ordem fradesca pertencerá este odre de malicia?

Ah, meus amigos, agora a sério: como tudo isto é uma mentira!

Eu tambem já tive d'esses enganos. Mas ensinou-me a experiencia da vida. A experiencia da vida fez-me reflectir, a sério, um dia. E comecei de dizer, de mim para mim: Tudo dogmas! Tudo mysterios! Tudo mentiras!

Não fugi d'um dogma para outro, não, que tinha sido esse o meu engano. Não troquei uma religião por outra, não, que é esse o absurdo. Não me revoltei contra este *crê ou morres*, para acceitar um outro *crê ou morres*. Não. Fiquei-me a pensar, a observar, a dizer: Tudo dogmas! Tudo mysterios! Tudo mentiras!

Tudo palavrões, sem realidade pratica nenhuma!

E' como nos theatros: commovem-nos dramas intensos, arrancam-nos lagrimas scenas dolorosas, que são os dramas e as scenas que todos os dias presenceamos ou representamos com a mais absoluta indifferença. Como somos pietistas e pieguistas se uma creança desenrola na scena, aos nossos olhos, toda a sua vida de miserias, de soffrimento, de martyrio, e como somos crueis, dando-lhe um empurrão, á porta do theatro, quando sahimos!

Ella está alli, tranzida de frio, molhada até aos ossos, cheia de fome, não tendo onde dormir! E havendo-nos arrancado lagrimas, estremecimentos nervosos, commoções profundas momentos antes, agora já não nos provoca senão tedio, repellões, aborrecimentos. *Não tenho que te dar! Deixa-me! Vae-te embora! Safate ou levas um pontapé!*

Uma adultera! Eis agora o drama de uma adultera! Que revolta, contra as mentiras, as hypocrisias, a traição da miseravel! Que sympathia, pelo marido, vilmente atraiçoado! Sahidos do theatro, vamos em linha recta praticar o adulterio, lisongear a adultera e rirmo-nos do marido!

Um cynico! Já não é adultera! Agora é tartufo quem entra em scena! A revolta chega a traduzir-se em pateada geral! Mas ao nosso lado está Tartufo. E, no intervallo, respeitosamente, mesmo servilmente, cumprimentamos Tartufo, contra o qual momentos antes, alli mesmo, tinhamos berrado, apopleticos de honrada e leal indignação!

Mentira! Mentira! Eterna mentira! O homem é um comediante! O eterno comediante!

O homem não vive da verdade. O homem vive da mentira. Nunca lhe agrada a verdade. Só lhe apraz a mentira. E para que a verdade, ás vezes, resplandeça um pouco, é necessario despi-la de formulas, arranca-la dos sacrarios, tira-la das egrejas, fugir com ella das confrarias, e expo-la, nua, á chuva, ao vento, ao frio, no alto d'uma montanha. Sem isso nunca ha verdade, nem nos homens nem na natureza.

Bem te conheço, Affonso Costa! Bem te conheço, Alexandre Braga! Bem te conheço, Arroyo! Bem te conheço, Alpoim! *Beau masque...* Andavas hontem d'opa e balandrau. Andas hoje de barrete phrygio. E ámanhã, se te convir, andarás, outra vez... d'opa e balandrau.

Il faut ôter le masque des choses aussi bien que des personnes, dizia Montaigne.

Sem mascara, bandidos!

Fundo de propaganda

Transporte do numero 1:377 .	336$460
N. da Cunha Albergaria (Lisboa) . .	50$000
Antonio Tavares Pecegueiro (Lisboa)	500
Somma	386$960

Viva S. M. a Rainha! Viva o Cricas!

Já estava impressa a 1.ª pagina do *Povo de Aveiro* quando vimos no *Mundo* a noticia de que se ia reunir o Conselho d'Estado para ser ouvido sobre a amnistia.

Viva S. M. a Rainha! Viva!

Viva o *Cricas!* Viva!

Sim, senhores, ganharam. O paiz fica á mercê exclusiva dos republicanos. Vê-se aqui o que o auctor da Grã Duqueza de Gerolstein não foi capaz d'imaginar para a sua peça humoristica: uma monarchia governada por republicanos! Viva! Viva!

Viva o Affonso Costa! Viva o Margarido! Viva! Viva!

Ganharam a partida! Sim, senhores, ganharam a partida!

Bem dizia o Margarido que não havia de ser elle quem responderia pelas trepas no delegado Correia Leal e no juiz Rodrigues dos Santos.

Quem apanhou foi o Correia Leal. E' bem feito! Quem o manda servir a monarchia?

Quem apanhou foi o juiz Rodrigues dos Santos. Alli, feito burro! Alli, no *Mundo*, a dar coices, d'orelhas guiadas, sob o chicote do Margarido! E' bem feito. Quem o mandou tomar a peito o seu papel de juiz?

E' bem feito! E' bem feito!

Eu não lhes disse que estava *vaga a suprema magistratura da nação?* E nunca mais disse o contrario. Eu vi tudo desde o primeiro dia.

Eu tinha por certa a amnistia. Eu tinha por certa a abdicação absoluta do governo aos pés dos republicanos. Não era nas *mãos dos republicanos*. Era, de joelhos, *aos pés dos republicanos*. A mim não me *comeram* elles!

Mas que grande pouca vergonha!

O rei é o nosso *Manelsinho*. Não procurem mais: é o nosso *Manelsinho*. A rainha é estupida. Salvo o devido respeito pelas regalias da corôa! *Cricas* é imbecil.

Pois o que esperam elles? Domar os republicanos? Amansa-los? Traze-los ás boas? Faze-los desistir da revolução? Oh que imbecis!

Os republicanos aproveitam simplesmente o seu *reinado* para precipitarem a republica. O seu *reinado!* Dar-se-ha ao mundo este espectaculo *sublime:* os republicanos *reinando* em monarchia antes de reinarem... em republica.

Que imbecis! Que grande sucia d'imbecis!

São elles, os republicanos, quem absolutamente domina a situação. Absolutamente! Não são os regeneradores. Nem os dissidentes. São elles!

E ao mando d'elles tem obedecido e obedece tudo. Elles quizeram que se puzesse pedra sobre o regicidio e poz-se pedra sobre o regicidio. Elles quizeram que o governo lhes désse a maioria por Lisboa, e o governo deu-lhes a maioria por Lisboa. Elles quizeram que fosse trancado o castigo ao Borracho, e foi trancado o castigo ao Borracho. Elles quizeram amnistia e vae-lhes ser dada amnistia. Elles quizeram que fosse destruido o juizo d'instrucção criminal e vae ser destruido o juizo d'instrucção criminal. Elles querem o registo civil obrigatorio, hão de ter o registo civil obrigatorio. Emfim, elles mandam. Elles e só elles. E absolutamente.

Ora digam-me cá os leitores: e a estarem a mandar os republicanos em monarchia não é mais simples e mais decoroso que elles mandem em Republica?

Digam a verdade!

Ao menos acaba-se com este espectaculo indecoroso.

A ter de haver republica, antes republica em republica do que republica em monarchia.

Sobre isto é que não pode haver duas opiniões differentes.

Pois não é assim?

A nação quer a republica...

Para os republicanos de Lisboa o paiz limita-se á area da capital, isto é, em vez de ir desde o Cabo de Santa Maria, no Algarve, até Melgaço, no Minho, e desde Campo Maior até o Cabo da Roca, vae apenas desde o Caes do Sodré até o Campo Pequeno, e desde Alcantara até Santa Apolonia. E disse. O resto, no entender d'elles, não tem importancia, não presta, não vale nada. *Só Lisboa é culta, intelligente, illustrada, sabendo o que quer e o que faz...*

Essa enorme massa de eleitores, incomparavelmente superior ao eleitorado de Lisboa, que nas ultimas eleições se manifestou a favor da ordem e do regimen monarchico, dizem elles que *não tem significação, nem valor, pela sua incultura, supina ignorancia* e .. outras baboseiras que por repugnancia não reproduzo. O eleitor *culto, intelligente e dotado de verdadeira educação civica, reside em Lisboa...* E porque este,— concluem elles, muito senhores do seu nariz,— nas proximas passadas eleições votou no partido republicano dando-lhe a maioria, *o rei deve pôr-se a andar, porque representando o eleitorado de Lisboa o sentir do paiz, a nação quer a republica...*

E' isto e muitas cousas mais do mesmo genero, o que eu tenho ouvido, cá por Lisboa, da bocca dos republicanos, e que os jornaes do partido confirmam.

Ora vejamos quem são muitissimos dos eleitores republicanos — talvez mais de metade do eleitorado republicano da capital, — *que pela sua intelligencia, cultura e elevada educação civica representam o sentir da nação.*

1.º moços de esquina, mais conhecidos em alguns pontos do paiz pelo nome de carrejões. Na tarde de 5 de abril de 1908, isto é, no dia em que se realisaram as penultimas eleições de deputados, disse eu a um moço de esquina, na Avenida da Liberdade, que me acompanhasse a minha casa onde desejava encarregal-o d'um certo serviço. Pelo caminho contou-me que poucas horas antes tinha ido deitar o seu voto pelos republicanos.

« Então você tambem tem voto? » — perguntei-lhe. Que sim, disse-me, accrescentando que em fins do anno anterior lhe appareceram *dois gajos* da freguezia de S. José a perguntar-lhe se estava recenseado. Como a resposta fosse negativa, pediram-lhe que se recenseasse para dar o seu voto aos republicanos quando houvesse eleições, respondendo-lhes elle que o não fazia porque isso lhe dava trabalho e tinha que perder tempo a tratar do seu recenseamento. « Voce não perde tempo, nem tem trabalho algum, porque nós fazemos tudo » — responderam-lhe os dois individuos.

Perguntei-lhe se os seus collegas da mesma esquina e os de outros pontos visinhos tinham sido abordados para o mesmo fim, pelos mesmos ou por outros sugeitos, respondendo-me affirmativamente.

Como isto me désse no goto, procurei saber se os moços de esquina d'outras partes tambem tinham sido convidados... para salvar a patria, vindo a averiguar que a *caçada* havia sido geral em toda a cidade.

2.º carroceiros e cocheiros. O conhecimento do que deixo exposto no numero anterior fez que eu levasse mais longe as minhas investigações. Tratei de saber se a rede tambem tinha sido lançada aos carroceiros e cocheiros de praça. Tinha. Por signal, um carroceiro disse-me assim:

— Nas ultimas *inleições* (as de 5-4-908) deitei duas vezes *polos* republicanos.

— Arriscou-se a ser preso, ou, pelo menos, a soffer uma desconsideração — disse-lhe eu.

— Se por *aquaso* algum *gajo* me *disconsederasse*, mettia-lhe uma *sardinha* no *folle* das *migas*...

3.º fadistas que trabalham 10 ou 12 horas por semana, se tanto, em qualquer officio, para dizerem que teem um modo de vida, passando o resto do tempo, aqui pedindo *istefacções*, e ali fazendo *jogo de capoeira* deante de quem se atreva a perturbar-lhes a *bella di a pandiga*...

Um — disse-me pessoa em cuja palavra confio — é frequentador assiduo de uma conhecida casa de desgraçadas, onde dá muita lambada na infeliz que o tem por conta, e é professor n'um collegio republicano onde leccionou no ultimo anno lectivo 10 meninos, com a recommendação especial de lhes incutir idéas republicanas e odio ao existente, indo no proximo mez de outubro tomar conta de um grupo de meninas (as futuras ligorias), com a mesma especial recommendação.

Deve haver mais professores recrutados no mesmo meio e para o mesmo fim.

4.º *heroes* de varios generos. Ha uns quatro ou cinco annos veio a Lisboa uma senhora extrangeira effectuar uma serie de ascensões no seu balão, que lhe não devia ter ficado barato. Quando realisava uma descida n'um campo cultivado, ali para os lados d'Alcantara, uma turbamulta, correndo de todos os lados, acercou-se da aereonauta, e sob o pretexto de the ter prestado serviços na sua descenção exigiu-lhe dinheiro. Como ella, porem, se recusasse a satisfazer tão absurda exigencia, pois apenas dois rapazes, que de principio se achavam u'aquelle local, lhe prestaram os auxilios de que ella carecia, a referida turbamulta esfaqueou-lhe o balão, e agarrando a pobre senhora tirou-lhe o barrete da cabeça, desenrolou-lhe os cabellos e puxou-lhe por elles "para — disseram — ver se era homem ou mulher„, deu-lhe muitos encontrões, e praticou ainda outras violencias só proprias de cannibaes.

Esta senhora disse depois, e com razão, «que imaginou ter descido em Marrocos.»

Alguns dos individuos que faziam parte d'aquella sucia de refinados malandros eram e são eleitores republicanos.

Cerca das oito horas da noite de 13 de setembro de 1909 — vae fazer agora um anno — estando eu no passeio occidental da Praça de D. Pedro, vi a uns tres passos de distancia um individuo de cerca de 40 annos, trajando sobrecasaca e chapeu de coco, que ali estava, certamente, ouvindo como eu os commentarios sobre a execução de Ferrer, que se havia effectuado n'aquelle dia. Um pouco mais adeante estavam dois individuos que discutiam acaloradamente a morte de Ferrer. Dizia um:

— Parece impossivel que o matassem! Todo o mundo se interessava pela sua vida!

— Que queres? — respondeu o outro. Questões de politica, e quem manda, manda . . .

E voltando-se ambos para o referido homem de chapeu de coco, que os não conhecia, pela fórma como os recebeu e elles se lhe dirigiram:

— O que parece isto ao senhor? — perguntou-lhe o que dizia que todo o mundo se interessava pela vida de Ferrer.

— Não resta duvida — respondeu o intarpellado — que havia muita gente que se interessava por Ferrer. Mas *todo o mundo,* como diz o senhor, não. Interessavam-se por elle a sua familia, os seus amigos, os seus partidarios, e todos aquelles que, por humanidade, são contrarios á pena de morte. Mas outros, certamente, julgaram merecida a sentença, pois, do contrario, não haveria quem a proferisse, quem a confirmasse e quem a executasse.

— Você é thalassa! Você é padre! Você é *jasuita* — gritaram enfurecidos os dois individuos. E immediatamente se ouviram em volta dezenas de vozes n'um berreiro ensurdecedor contra o pobre homem, que se toi esgueirando conforme pôde, mas sempre seguido por muitos individuos que berravam: "Morra o *jasuita!* Morra o thalassa! Morra Maura, etc.» A meio da rua Augusta o desgraçado já era perseguido por uma multidão talvez superior a oitocentas pessoas, que o sujaram de lama e lhe amachucaram o chapeu com pedras que lhe atiraram, e tel-o-iam talvez morto, se a policia não viesse fazer frente áquella horda de selvagens.

«Aquelles dois que ali andam, de focinho baixo, procurando lama e pedras para atirar ao homem, vi-os o anno passado a deitarem o voto na assembleia de S. Domingos; conheço-os — dizia-me na occasião, na altura da rua de S. Nicolau, uma pessoa das minhas relações.»

Em maio do corrente anno entraram varios individuos na egreja do antigo convento da Encarnação no momento em que ali se estava celebrando o Mez de Maria com o Santissimo exposto. Principiaram, como já tinham feito em dias anteriores, praticando actos gravemente offensivos das crenças dos fieis, e um d'elles, com o maior impudor, descaramento e escandalo, pôz-se a fezer a côrte a uma senhora casada que ali se encontrava ao lado do seu marido, tendo que se interromper os exercicios por espaço de cinco minutos para pôr fóra da egreja os energumenos e indecentes *cidadões.*

O da côrte á senhora casada e mais outro do grupo sei eu que são eleitores republicanos.

Factos identicos a este e ainda outros de peor natureza, repetem-se com frequencia nos templos da capital.

Um policia prende um faquista, um desordeiro, um malandro qualquer, e bastas vezes se ouve do lado: «Deixa o homem, ó coiso. Morra a policia! Viva a *libardade!* (quando não dizem: *viva* a republica).

Muitas vezes tenho ouvido da bocca de senhoras e mulheres do povo phrases como esta: «Arre! que já uma mulher não pode sair á rua sem ser enxovalhada!»

Eis aqui, a traços targos, sr. Homem Christo, e leitor bom e sensato, o que é a maioria — não erro dizendo que é a maioria—do eleitorado republicano de Lisboa! Eis aqui *o eleitor culto, o cidadão dotado de elevada educação civica!* Eis aqui *o eleitor que sabe o que faz e o que quer!* Eis aqui *a parte pensante do paiz! o eleitor que representa o sentir da nação!*

E como este eleitor se pronunciou a favor da republica nas eleições do dia 28, *o rei deve fazer as malas, a carneirada das provincias* deve submetter-se-lhe, e as chancellarias europeias não podem, nem devem contrariar a vontade de tão nobres, illustres, intelligentes, cultos e conspicuos cidadãos.

Admiraveis, estes senhores!

E não ha um raio que os parta quando affirmam muito *anchos* que as votações republicanas de Lisboa representam o sentir do paiz!

Um observador

Estupido
Estupor
Explorador
Estafermo
Especulador
Escroc

Reis dos
Bandidos

Manhoso
Maltrapilho
Malandro
Malandrim
Miseravel
Malvado
Matulão

A. P.

Roletas

De grande precisão, proprias para grandes Casinos.

Ficheiros em osso, marfim ou madreperola.

Casa Senna — Salão de Jogos
RUA NOVA DO ALMADA, 52 — LISBOA

Nada de novo!

Como dissemos no ultimo numero, estavamos esperando, e continuámos esperando, que o sr. Costa Ornellas, governador civil de Castello Branco e official do exercito, mandasse as suas testemunhas ao sr. Tavares Proença, ou que o illustre *Papa-feijão,* acerrimo partidario do duello, como se sabe, mandasse reunir o Conselho Superior de Disciplina do Exercito para julgar o mesmo Costa Ornellas.

Não sabemos qual é hoje, no exercito, a situação do sr. Costa Ornellas. Mas o que é certo é que não deixou ainda de ser official. Ora, sendo assim, e continuando em vigor a praxe estabelecida, o caminho estava indicado.

O sr. Tavares Proença, par do reino, homem d'alta gerarchia, de grande influencia e de incontestavel respeitabilidade de caracter, escreveu, alem d'outros, estes periodos, sobremodo graves, contra o sr. Costa Ornellas: «*Depois de haver sido a vergonha do exercito portuguez, está sendo a deshonra da administração publica... A espada do homem é de... lata, tão estanhada como a cara do seu possuidor, onde toda a gente pode cuspir impunemente.*

O sr. Costa Ornellas podia e pode não ser partidario do duello, e, como tal, recorrer a outros processos para se desagravar, ou não recorrer a processo nenhum, que não era, principalmente no nosso paiz, onde essas coisa; teem pouca importancia, de extranhar. Mas o ministerio da guerra é que estabeleceu a esse respeito principios immutaveis. Porque não foram, agora, postos em pratica?

O sr. Fernando de Souza, engenheiro muito distincto e já com uma alta patente militar, teve de pedir a sua demissão porque o Judicibus o injuriou no *Seculo.* O sr. general Constantino José de Brito foi castigado com um mez d'inactividade por não querer acceitar um duello que lhe propunham. E com o director d'este jornal, que não se negou a acceitar o duello e a quem as auctoridades não permittiram que tirasse o desaggravo que lhe agradava, succedeu o que se sabe. Porque se faz agora excepção com o sr. Costa Ornellas?

Não temos contra este senhor nenhuns motivos d'antipathia pessoal. A'parte o seu procedimento como *agente d'eleições,* verdadeiramente revoltante, nada conhecemos em seu desabono. Não é, pois, para o compromettter, nem para o deixar em má situação, que estamos salientando estes factos. E' apenas para mostrar mais uma vez a quanto chega o espirito de banditismo em Portugal.

E' uma infamia. Uma verdadeira infamia. E' preciso inutilisar ou prejudicar um inimigo? Tudo serve. Absolutamente tudo. Mas logo que se trate d'um amigo, já não se empregam contra elle nem as armas illegaes, nem as proprias armas legaes que serviram contra o inimigo.

Em tudo e por tudo moral de quadrilha.

Que grandes bandidos!

Publica-se hoje o 6.º numero do Supplemento litterario do «Povo de Aveiro».

CARTAS LISBOETAS

8 de setembro

Na imprensa extrangeira escrevem-se, agora, coisas da politica portugueza e os reporters teem tido um trabalho insano em recolher as opiniões dos cavalheiros respeitaveis que mais ou menos se teem como representantes das correntes politicas dominantes, d'aquelles que, no seu partido, d'alguma maneira destacam.

E assim, ao lado da propaganda do sr. Magalhães Lima, em continuação da obra da missão republicana de que já aqui se fallou em uma das passadas notas, avultam as entrevistas transmittidas pelos correspondentes d'algumas folhas de Paris, d'entre as quaes uma das mais interessantes e justamente reputadas, *Le Journal,* publica sobre Portugal um artigo de Ed. Helsey que tem muito de verdadeiro e de bem observado.

Lemos esse artigo a correr, n'uma viagem de comboio, mas alguma coisa nos *ficou* que se pretende, agora, em resumo reproduzir.

Que ha em Portugal uma immensidade de chefes politicos; que a vida politica é assim uma especie de farça que alguns se esforçam por bem representar, mas que, dada a qualidade dos artistas, sae quasi sempre uma simples borracheira; que, sendo, por vezes, movimentada, é, afinal, pouco divertida e resulta não raro insipida; que do rei se servem para ... se servir. Etc, etc, etc...

Allude — como não podia deixar de ser — ao sr. Bernardino Machado, já lá fóra sagrado patriarcha e ás suas fallinhas mansas, aos seus modos cordeaes, e ao revoluclonarismo de Affonso Costa, o capitão da companhia do elevador da bibliotheca.

A Ed. Helsey afigura-se-lhe que o paiz vive socegado a despeito de tudo quanto se avança em comicios e se rabisca em folhas, e effectivamente assim parece e talvez assim seja, dado o quietismo da gente portugueza, já habituada a tudo.

Mas a verdade é que, se não parece haver motivo para apprehensões graves, tambem a hora não é propicia a desleixos.

Se se pode fazer alguma coisa *d'isto,* tem de se fazer depressa, sem precipitações, de accordo, mas com segurança.

Porque precisamos garantir o nosso credito lá fóra e assegurar a tranquillidade interna que as paixões politicas teem grandemente excitado, e se não podemos aspirar a grandes destinos, para que, está mais do que provado, não fomos fadados, visto como as nossas grandes emprezas nos acarretam sempre, com grandes glorias, grandes vergonhas, que ao menos procuremos levantarnos trabalhando modestamente no nosso cantinho e d'aqui, na medida do nosso esforço, acompanhando o movimento das ideias de que parece ha muito andamos divorciados

Anda agora em missão pelo Brazil uma delegação da Sociedade de Geographia, de Lisboa, no intuito, diz-se, de unir as duas nações que fallam a mesma lingua em que escreveram Machado de Assis e Eça de Queiroz e em que versejaram Goncalves Dias e João de Deus.

Terá essa missão tempo de *ver* o Brazil, de *estudar* o Brazil? Como elle merece ser visto e estudado...

Porque, entre as poucas coisas acertadas que em cerebros lusos, pouco inventivos, tem ultimamente surgido, esta ideia da approximação de Portugal e Brazil é das que, impondo-se de ha muito como uma necessidade, mais e melhores resultados praticos podem trazer-nos.

Portugal está velho e gasto, o Brazil é uma viva nação florescente, que nos pode auxiliar na grande lucta da vida social e com cujos ensinamentos muito temos a lucrar.

Eu bem sei, sim, que os senhores se riem dos brazileiros, como eu me ria, quando era rapaz, quando não sabia o que valia o Brazil, a importancia que o Brazil poderia vir a ter no concurso mundial como grande nacionalidade, mas se considerarem um pouco, a sua razão lhes dirá que os portuguezes devem procurar o convivio da nação irmã e fortalecer-se com esse convivio que d'alem mar não é repellido e que n'este recanto da Iberia deve ser intensamente desejado.

E' preciso fazer aqui, na imprensa, nas conferencias, em toda a parte, a propaganda d'este accordo sob todos os pontos de vista vantajoso.

Dizer a essa pacata gente distrahida que o brazileiro não é esse ridiculo que os romances nacionaes apresentam ao alvo da boçalissima troça lusitana, e mostrar-lhes, claramente mostrar-lhes, o valor da sua arte, as riquezas da sua bella litteratura, os progressos materiaes das suas grandes cidades, dos seus admiraveis portos...

Contar-lhes como os brazileiros recebem sempre os portuguezes, a protecção que dão á mão d'obra de Portugal, o cuidado com que estudam o nosso paiz e por elle, em todos os ramos da sua actividade, se interessam. Como elles conhecem a nossa litteratura e estimam os nossos escriptores ...

E' realmente vergonhoso para nós o confronto entre a informação que os jornaes portuguezes publicam do Brazil e a larga informação que os jornaes brazileiros publicam de Portugal.

Pois apesar de muito se fallar agora em accordo luso-brazileiro, pouco ou nada se tem avançado no conhecimento das coisas e homens do Brazil, e os grandes jornaes não dedicam o espaço que deviam consagrar a essa boa iniciativa de Consiglieri Pedroso que, por tal, se impoz á nossa gratidão e para cuja memoria deve ir, na hora do triumpho, a nossa saudade.

Por nossa parte, annotando impressões, rabiscando chroniquelhas, d'aqui promettemos, sempre que vier a proposito fallar do Brazil, d'elle dizer com o desenvolvimento compativel com as dimensões d'este *Povo de Aveiro* que, *malgré tout,* alguns serviços tem prestado ao desenvolvimento da ideia democratica em Portugal e d'algum modo tem contribuido para a tal indispensavel depuração, que todos reconhecem urgente, nas fileiras republicanas...

Belgavino.

E' bem feito, seu banazola!

Na outra semana, sob o titulo *O maldito,* lia-se no *Cornetim do Margarido:*

João Franco, o facinora que quiz afogar num mar de sangue o povo portugues, e que. fiado na sua infinita generosidade, já se permitte viver entre elle, ocasionou hontem uma morte. O seu automovel passou sobre um pobre cão que dormia tranquilamente numa rua de Cintra e deixou-o deploravelmente esfacelado. Houve protestos, gritos, indignações—o odioso dictador foi reconhecido, e, em vez de parar, para vêr o desastre que ocasionara, seguiu com mais velocidade, numa fuga comparavel apenas á da calçada do Carmo. Parece que traz comsigo a desgraça e a morte, o maldito!

E terça-feira ultima, sob o titulo *Um bandido sem vergonha,* mais isto:

O miseravel que presidia á situação que, vae para tres annos, queria expulsar de Portugal tudo quanto lhe cheirasse a gente honesta, o criminoso que, com a sua politica de odios e violencias, armou a carabina e o revolver sob cujo fogo succumbiram D. Carlos I e seu filho mais velho, e que por isso andou por essa Europa fóra a monte como uma verdadeira fera que é, perdeu já o medo e julga-se em paiz conquistado, andando por ahi á solta, pelas ruas da cidade, a pé e sem açamo, com inaudito descaramento.

Ainda hontem foi elle visto, de tarde, seguindo do Rocio para a calçada do Carmo, acompanhado, ora ao lado ora a distancia, por um sujeito d'edade com um maço de papeis debaixo do braço. Subiram as escadinhas e dirigiram-se para a estação do caminho de ferro. Não nos admira o descaramento d'elle. O que nos admira é que se não tomem providencias tendentes a evitar alguma fatalidade. O logar dos lobos não é no povoado. Isto sem offensa aos lobos authenticos, alguns dos quaes, estamos certos, não são tão ferozes como aquelle a que alludimos.

E' bem feito, meu banazola, é bem feito! Não os quizeste fuzilar no dia 28 de fevereiro? Metralhar nas ruas? E mandar para Timor o que houvesse escapado da metralha?

Pois agora atura-os. Mais á santa *Regina* que os protege!

Mas que miseraveis! Como elles continuam a incitar a besta popular fanatisada ao assassinato de João Franco!

Não ha de chegar o *Dies iræ* para estes miseraveis?

Tornamos a pedir a todos os nossos assignantes o favor de indicarem sempre nas suas reclamações o numero da cinta.

Carta de Gôa

25-8-910

Recebi n'esta ultima mala da Europa o n.º 1371 do *Povo de Aveiro* com uma epistola bem longa e cheia de torpezas *torpemente* assacadas contra o auctor das «*Cartas de Gôa*, contra mim, que nunca melindrei sequer o signatario d'ella.

A primeira *Carta de Gôa,* publicada no n.º 1365 do mesmo jornal, se refere aos factos da governação do sr. Horta e Costa, publicados no *Heraldo,* de Gôa, n. º 531. A segunda, no n.º 1366, se refere aos factos publicados pelo *Heraldo,* n.º 590. A terceira, do n.º 1368, se refere aos versados pelo *Colonial,* de Lisboa, n.º 32. A quarta, do n.º 1369 e a quinta, do n.º 1370 se referem aos factos tratados pelo *Colonial* e outros jornaes da metropole.

D'onde as torpezas da epistola *torpemente* assacadas vão offender tambem aquelles illustrados periodicos. Não sou, pois, o unico aggredido, ou, por outra, tenho por companheiros na desgraçada aggressão aquelles illustres jornaes. Mas estimarei que elle não seja por elles castigado pelo desprezo do silencio.

* * *

Mas veja-se primeiramente que elle diz:

Publique se quizer, a minha carta, mas poupe a minha assignatura.

E repete ainda:

Poupe-me a assignatura.

Simplesmente rocambolesco! ... Porque procurando convencer o sr. Homem Christo e outros da metropole, que elle, de facto, não quer que lhe saibam o nome, aos leitores de Goa é elle proprio que procura dar-se por conhecido, apresentando as seguintes senhas:

1.ª que a sua edade é da *gente que é nova, alma juvenil.*

2.ª que é *filho da India.*

3.ª que está *afastado da politica.*

4.ª que é *um simples estudante, em vesperas de vestir uma farda.*

Em Gôa, que é terra pequena, com esses dados souberam todos e logo quem é o auctor da epistola. Souberam-no os vogaes da Pia Mesa da Misericordia de Gôa, aos quaes elle teve de expor que ia ao reino *estudar e sentar praça,* allegação pela qual obteve da mesma Mesa o subsidio mensal de 15 mil reis.

Soube-o o sr. Horta e Costa, que, em vista da mesma allegação, lhe havia proporcionado passagem á custa do Governo provincial.

Soube-o o sr. major reformado Gomes da Silva, porque o conhecia bem de perto, e conhecia não lhe existir na consciencia esse *pezo do chumbo ignobil,* pelo contrario, sabia ter, como diz, consciencia levinha, tão levinha, tão invisivel, que desappareceu á despedida, quando embarcou, sem se lembrar das 200 rupias que ficara devendo ao major, e sem lhe *perturbar a paz santa da sua alma juvenil quaesquer remorsos.*

Soube tambem o sr. Segismundo Gomes, senhorio das casas em que habitara e que deixara repentinamente, sem levar na consciencia o minimo pezo *ignobil* das rendas em divida.

Souberam-no todos de Gôa, porque muito poucos são os *filhos da India* que vão *estudar* para o reine com o fim de *assentar praça,* e pouquissimos os *estudantes* com pretenções a escrevinhadores de jornaes.

Donde claramente se vê, que, para os de Gôa, principalmente para o sr. Horta e Costa, elle não quiz occultar a sua individualidade; porque com os dados que ministra com tantas particularidades, sahindo até fóra de proposito, parece querer dizer com certa vaidade *juvenil:*

"Olhem quem sou.„ E todos sabem quem elle é.

* * *

Mas, sr. redactor d'*O Povo de Aveiro,* lá está hoje em Portugal o sr. José Manuel da Costa, que poderá dizer da justiça das *Cartas de Gôa.* Pois elle, como director que foi do *Pygmeu,* de Gôa, escreveu no seu n.º 229, de 17 de novembro de 1908, em artigo de fundo:

"E diz bem — repetimos. Na India nunca um protesto uniu todas as vozes, nunca um governador se viu tão completamente só e abandonado. Leia o foliculario os numeros d'estes ultimos tempos do *Ultramar,* da *India Portugueza,* de *O Heraldo,* da *Voz do Povo,* do *Noticias,* do *Nacionalista,* do *Heraldo,* do *Aryano,* da *Convicção* e do *Pygmeu,* os unicos jornaes de Gôa. Nunca se deu este extraordinario facto e até nas mais tremendas collisões politicas os governadores tiveram ao seu lado um orgão da imprensa. E o sr. conselheiro Horta e Costa hoje não tem um só....„

O Pygmeu n.º 225, de 12 de novembro, referindo-se ao mesmo conselheiro:

"Que se saiba que nós temos bem nitida a visão de um desabamento imminente. Que ainda temos força para pôr as mãos na cabeça e gritarmos contra um grande passo no caminho de se entregar o paiz inteiro e imbelle, ás mãos de homens que vivendo das contingencias politicas da metropole, sem saber quando chegará a sua hora derradeira, sem amor e sem interesse algum na colonia, podem deixar-se levar por ambições criminosas não encontrando um dique temoroso ás suas aspirações.„

O Pygmeu n.º 220, de 5 de novembro de 1908, diz com respeito á mesma governação, ácerca de

"Uma nova travessa. — Ha algum tempo que se falla na necessidade de uma travessa que prolongue a Rua do General Assa até ao Largo Affonso d'Albuquerque, e pela direcção das obras publicas foi projectada, fazendo-se o respectivo orçamento. Pelo plano deitava-se abaixo uma parte da casa onde reside o sr. Padre Clemente.„

"Mas agora parece que *empenhos se moveram* e vae-se abrir a travessa mas d'outra maneira ...„

"Onde estará o *busilis* d'esta mudança de opinião dos competentes com manifesto prejuizo da fazenda publica e da cidade, que com aquelle excesso que se pretende gastar podia ter mais um melhoramento?„

"Nós o diremos, dôa a quem doer. De resto revolta a idéa de se deitar por terra um templo de Deus por um capricho dos homens.„

D'outra vez citaremos mais trechos com que o sr. José Manuel da Costa, no sentido das *Cartas de Gôa,* combateu a governação do sr. Horta e Costa.

Mas entretanto se vê que tambem elle é o offendido pelas torpezas *torpemente* assacadas pelo auctor da epistola, que de resto não contesta nenhum dos factos apresentados nas *Cartas de Gôa.*

Até á outra.

A. S.

Recebemos a seguinte carta:

. . . Sr. Homem Christo

No ultimo numero do *Povo de Aveiro* li uma correspondencia de Mangualde com umas referencias falsas e desagradaveis ao sr. Conde de Mangualde. Por amor da verdade vou explicar a V. o que se passou com referencia á syndicancia a que o correspondente allude.

O sr. Conde de Mangualde é Director Geral no Ministerio da Fazenda. Um ministro de parcialidade politica contraria á do sr. Conde lembrou-se de o substituir por algum seu parcial e para isso arranjou a tal syndicancia. Já se vê que n'estas circumstancias se tivesse apparecido qualquer desvio de tostões, nem era preciso tratar-se da tal «grande somma de contos de reis» a que se refere o correspondente, já o sr. Conde teria sido obrigado a abandonar o logar que continua exercendo simplesmente porque a syndicancia não apurou, nem podia apurar, nada contra aquelle senhor.

De V. etc.

Um seu assignante

PROVINCIAS

Villa Nova de Tazem, 10-9-910.

. . . Sr. Redactor

Habituado desde muito novo a esclarecer todos os actos da minha vida, sem provocar os perigos, nunca deixei de arcar com elles com todo o denodo. Vem isto a proposito d'uma correspondencia que no seu conceituadissimo semanario veio a respeito da eleição do dia 28 do p. p. n'esta abençoada terra, onde a improbidade politica e a improbidade moral se dão o braço para anavalharem aquelles que, pelo seu feitio, se suppõem avessos a todas as tranquibernias. Constou-me que ha quem, falsamente e sem nenhumas provas, me imputa a honrosa paternidade da referida correspondencia. Não por medo, que nunca tive nem espero ter, emquanto Deus me der vida e saude, mas, para que a verdade triumphe, peço a V. o favor de declarar no seu brilhante «Povo de Aveiro» se já alguma vez recebeu qualquer correspondencia da minha humilde pessoa.

Pela publicação d'estas linhas e da declaração que se dignará fazer, lhe fica muito grato o que é de

V. etc.

Padre Eduardo de Beja Artiaga.

Declaramos que o sr. padre Artiaga nunca nos enviou uma unica lettra para ser publicada no *Povo de Aveiro,* não sendo, portanto, o auctor das correspondencias de Villa Nova de Tazem que teem sahido n'este jornal.

Esta é a verdade.

—†—

Certã.

O administrador d'este concelho, um republicano ás ordens do já tão celebre Costa Ornellas, vem praticando, desde a sua nomeação, toda a sorte de violencias e tropelias á lei, que fazem revoltar ainda os mais alheios a questões de politiquice.

São tantas e tao variadas as prepotencias, que enumera-las se tornaria fastidioso para quem nos lê. Ha-as, porém, recentes, que bem denotam os sentimentos baixos e reles, e, posto o leitor ao corrente d'uma, por ella avaliará, ainda que pallidamente, o despotismo d'uma auctoridade que, para desassocego de todos, os Affonsos e os Alijós, puzeram ás ordens do homem da *effusão de sangue,* n'este concelho da castanha pillada e do azeite de meio grau.

Pretendeu o *Come e Dorme Junior,* (assim é conhecida por aqui tão celebre creatura), fazer o seu baluarte politico na freguezia de Pedrogam Pequeno, d'este concelho, mas, ou porque os povos o conhecessem sobejamente, ou porque—*um povo mais alto se alevanta,* — o homemzinho de Christo, tendo dado com os burrinhos n'agua, conseguiu, apenas, arrebanhar qualquer *Manel-Enriques,* ou pessaa congenere. D'aqui o seu azedume, d'aqui a sua vingança.

No sentido, pois, d'uma desforra, d'uma vingança mesquinha e reles, aproveitando agora o seu logar de administrador, com desrespeito pela lei, que, diga-se de passagem, não é obrigado a conhecer, attentas circumstancias várias, umas que o proprio nome indica, outras que os Lentes Coimbrãos poderão affirmar, prende e vexa, quem não fôr *Manel-Enriques,* ou pessoa do mesmo jaez.

Assim tem procedido e está procedendo.

De ha oito dias a esta parte que tal individualidade faz intimar e vir á sua presença, quasi diariamente, quatro pessoas d'aquella freguezia, e sob um pretexto futil, prende-as arbitrariamente, e fa-las conduzir á cadeia, onde as conserva 2 e 3 dias, sujeitando-as ao vexame, ás despezas de carceragem e outras.

Até á hora em que escrevo, já soffreram as iras do *Come e Dorme Junior,* seis individuos, alguns dos mais grados de Pedrogam, e suppõe-se, com justificadas razões, que outros estão inscriptos no livro negro, que virão gradualmente (2 a 2) porque a cadeia não tem accommodações para uma leva maior. Para hoje está intimado o rev. parocho da freguezia, e a intimação ao *Cão Grande* não se fará demorar, segundo para ahi affirma qualquer—*Sacco de mentiras.*

Veja por aqui o paiz o que se está passando n'este canto da Beira Baixa, e o que resulta da nomeação, para cargos de responsabilidade, de individuos que são republico-monarchicos, variante entre opposição e governo.

Um administrador feito á imagem e semelhança do seu immediato superior hierarchico.

Se até ambos são *Arnestos!*

Ficamos hoje por aqui, mas continuaremos, para edificação das gentes.

De X. P. T. O.

De Lisboa

Por já estar muito adeantada a composição do *Povo de Aveiro* quando recebemos a carta d'esta secção, não a podémos publicar esta semana.

Bebam as Aguas Medicinaes
DO
CASTELLO DE MOURA

Os que soffram de HERNIAS (QUEBRADURAS) e as senhoras que tambem soffram de dilatação do ventre, descida e queda do utero, rim moral, ventrações, obesidade, etc., não devem deixar de ler o folheto illustrado, com mais de 50 gravuras, A HERNIA E A VERDADE SORRE A SUA CONTENÇÃO, que se envia GRATIS a quem o requisitar ao orthopedico M. MARTINS.

170, RUA DA MAGDALENA, 172

Em frente da Rua de Santa Justa — LISBOA

Polpa Melaçada

E' hoje o alimento, por excellencia, preconisado para alimento dos cavallos, vaccas, porcos, ovelhas, etc., etc.

Unico importador para Portugal, Colonias e Brazil

Antonio Rosado Caeiro = Rua Augusta 240, 1.º - LISBOA

Vendas por grosso e retalho:

Rua do Amparo, 1 — Rua Nova do Almada, 98

Calçada do Marquez de Abrantes, 64

ACCEITAM-SE AGENTES EM TODAS AS TERRAS DE PROVINCIA

"Cosmopolia,,

Revista mensal illustrada de litteratura internacional.

Redactor em chefe:

HOMEM CHRISTO, FILHO

Escriptorios da Redacção e Administração, da secção editora em todas as linguas, da organisação de traducções, salões de exposição e conferencias, gabinete de leitura contendo alguns milhares de volumes das litteraturas italiana, hespanhola, brazileira, portugueza, ingleza, turca, persa, allemã, hollandeza, japoneza, russa e revistas e jornaes de todo o mundo.

Faubourg Poissonière, 111 — Paris

Com o concurso e collaboração effectiva dos mais eminentes escriptores e artistas da Europa e America, começará a publicar-se proximamente, a revista **Cosmopolia,** que tem por fim tornar conhecidas e apreciadas em França as litteraturas extrangeiras, para o que consagrará cada numero a um determinado paiz do mundo, contribuindo tambem para o desenvolvimento da moderna litteratura franceza, facultando as suas columnas a todos aquelles que, ainda novos e ignorados do grande publico, se imponham, no emtanto, por um verdadeiro e solido talento litterario.

O 1.º numero de **Cosmopolia** será, pois, publicado muito brevemente, logo que o sr. Homem Christo, Filho, que está no Brazil, d'onde seguirá para a Argentina, Chili, Uruguay e Paraguay, a fazer a propaganda da nova revista, regresse a Paris. Dadas as proporções colossaes que teem attingido os pedidos do 1.º numero, enviados de toda a parte, a Administração de **Cosmopolia** vê-se forçada, para regular a tiragem, a inscrever desde já os nomes d'aquelles que desejarem obtel-a.

Locaes de inscripção:

Em Paris: Faubourg Poissonière, 111.
Em Portugal: *Lisboa*—Tabacaria Monaco, Praça de D. Pedro.
Porto—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro.
Coimbra—Livraria F. França & Armenio Azevedo.
Aveiro—Redacção do *Povo de Aveiro*.

ASSIGNATURAS

França: Anno—Serie de 12 numeros, 24 francos. Semestre, serie de 6 numeros, 12,50 francos.
Extrangeiro: Anno — Serie de 12 numeros, 25 francos. Semestre, serie de 6 numeros, 13 francos.

Artigos graphicos

Os melhores, os mais baratos, os mais resistentes, são os da casa PEDRO, MIRANDA & C.ª SUC.res. Representante da Casa **J. G. Schelter e Guiescke** incontestavelmente a melhor fundição do mundo!

Material branco, **estrangeiro,** sempre em deposito, ao preço do nacional.

Pede-se a todos os srs. industriaes que não fechem as suas transacções sem consultarem os nossos preços.

Pedidos a

PEDRO, MIRANDA & C.ª Suc.res

Rua da Picaria, 59—PORTO

Telegrammas «ADNARIM» **Porto.**

Tisana depurativo Assis

Segundo o processo de Faro

Cura radical da syphilis em todas as suas manifestações.

Garante-se a sua efficacia.

Deposito geral

ASSIS & COMMANDITA

Rua dos Douradores, 32, 1.º — LISBOA

No Porto:

SANTOS & SANTOS — Rua das Flôres, 36

FRASCO	6 FRASCOS
1$000 réis	5$400 réis

Grandes Armazens
DO
Printemps de Paris

Ha actualmente em deposito, n'este escriptorio, um grande sortimento de cortinados **brise-bise** em condições muito vantajosas. Assim como tambem ha um grande e variado lote de artigos da estação de verão que será vendido por preço muito reduzido.

Escriptorio de reexpedição:

19, Largo de Camões, 19 — Rocio

LISBOA

TROMÓINA

A FARINHA ALIMENTAR DE MAIOR VALOR

Prof. Sousa Reis — PORTO

RECOMMENDA-SE O

PAPEL PARA CIGARROS

ESTRELLA

ALCATRÃO ESPECIAL

A VENDA EM TODA A PARTE

CADA LIVRO 10 RS

J. WIMMER & C.º

LISBOA

AGUA DA CURÍA

Semelhante á de Contrexéville

Estimula a acção dos rins que são os filtros do corpo humano.

Experimentae a

AGUA DA CURÍA

Representante e depositario em Lisboa:

Humberto Bottino

Praça dos Restauradores, 31-H

TELEPHONE: 3035

VEJAM
como cada qual em sua casa pode tratar-se com
Resultados Surprehendentes

Não somos nós que fazemos affirmações. São os doentes que se curam pelo nosso tratamento que veem expontaneamente declarar os resultados que obtiveram com o tratamento pelo **Vigorisador Electrico.**

Leiam a carta que em seguida transcrevemos:

Dois doentes curados de rheumatismo e dôres nos rins

Sr. Dr. McLaughlin

O **Vigorisador** que lhe comprei não foi para mim, mas para um amigo que ha annos padecia de rheumatismo. Assim que o usou achou melhoras e bem sensiveis.

Depois usei-o eu por causa de umas dôres que sentia sobre os rins, devidas talvez a andar muito a cavallo, tendo obtido tambem os melhores resultados.

Pode V. Ex.ª publicar a minha declaração porque é a expressão da verdade.

Gomes Ayres, Almodovar, 2 de agosto de 1910. — De V., etc., (a) *Adelino Correia.*

O homem forte e vigoroso tem consciencia da sua força e do seu valor. Prosegue o caminho da vida desassombradamente e lucta com os obstaculos até vencel-os. O homem gasto e enfraquecido considera finda a sua missão no mundo. Perde a esperança e desanima. E, comtudo, muitas vezes, homens de muito mais edade conservarão o frescor e a força da juventude.

O fraco não sente o prazer de viver. Tem os nervos abatidos, é neurasthenico, o estomago deixa de funccionar com regularidade, torna-se receoso e teme a convivencia com os felizes. A vida tornou-se uma fonte de amargura em vez de ser o dom mais sublime da natureza.

E' n'este periodo de desanimo que despreza as suas aspirações. Perde a ambição e foge até da vida do lar, procurando o isolamento. Este estado é produzido pelo excesso de trabalho ou de prazeres, por disposição natural, ou pela doença.

Os nervos, que são no corpo humano o mesmo que os conductores da vida ao cerebro, estão faltos de electricidade. E a electricidade é tão necessaria ao corpo como a agua á terra. A planta não pode viver em terreno secco. Pende e estiola-se por falta de agua. Os nervos sem electricidade affrouxam, perdem a tonicidade e os principaes orgãos deixam de funccionar com regularidade, envenenando-se o sangue. O cerebro perde a lucidez e as idéas negras começam a perseguir o desalentado doente.

E' para este estado que nós offerecemos o remedio. Com o nosso methodo de tratamento restituimos aos nervos a electricidade perdida. O doente trata-se em sua propria casa, sem abandonar as suas occupações, e recebe diariamente uma certa quantidade de fluido electrico que lhe restaura as forças e que lhe reanima as fontes da vida, sem necessidade de drogas, banhos ou duches, que só podem servir como paliativos.

O **Vigorisador Electrico** é fornecido com accessorios para conduzir a electricidade a todas as partes do corpo e

Aos homens desanimados e enfraquecidos fornecemos gratis um suspensorio electrico

Consultas gratis e um livro explicativo gratis a todos

O nosso consultorio está aberto ao publico para consultas gratis, usando os nossos medicos sempre de toda a franqueza. A todos damos um folheto illustrado gratis. Quem não puder fazer uma visita e viva fóra de Lisboa, preencha o **coupon** abaixo e receberá na volta do correio o nosso livro gratis e um impresso para consulta.

Dr. M. E. McLaughlin

Rua Augusta, 188, 2.º—LISBOA

Horas: 9 m. ás 7 n.

E	**Coupon**
	Vale um livro e consulta gratis
Nome	.....
Rua	.....
Terra	.....

Cortem e mandem este coupon

Empreza Cinematographica IDEAL

Manufactura Portugueza de Pellicula

Salão e Escriptorio	Atelier de pose e officinas
Rua do Loreto, 15 e 17	*Cerca do Colleginho, 7*
LISBOA	LISBOA

Endereço telegraphico: IDEALÃO

SUCCURSAES: No Porto, Paris, Berlim, Londres, Vienna d'Austria, Madrid, e em todos os Estados do Brazil.

Fornecimentos completos para animatographos, aluguer e venda de fitas completamente novas em Portugal. Projecções com luz electrica ou luz artificial em theatros, qualquer casa, ou de espectaculos, clubs, escolas e casas particulares, para o que tem pessoal habilitado.

Contractos especiaes para a Africa e Brazil

A Empreza Cinematographica Ideal é a unica que, devido ás suas bellas installações de POSE, pode apresentar assumptos genuinamente portuguezes, desempenhados pelos nossos principaes artistas e quadros panoramicos representando os melhores pontos e os mais bellos costumes de Portugal.

Mediante contracto especial a Empreza tambem se encarrega da tiragem de qualquer fita de reclamo a estabelecimentos, fabricas, officinas, etc.

Grande deposito

De moveis de ferro e colchoaria

Artigos de folha e zinco.

José A. de C. Godinho

54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

TELEPHONE — 2652

Tinta de copiar a secco

Sem molhar o papel e conservando os copiadores como novos. Economia de tempo e trabalho. Excellente resultado na pratica. Ultima novidade. Descontos aos revendedores.

Deposito geral:

Rua de S. Paulo, 9, 1.º — LISBOA

TELEPHONE: 2378

Rua de Santa Catharina, 32, 1.º — PORTO

Alexandre Fontes

A Escripta Nacional, (2.ª edição, refundida)	1$200
Vocabulario Orthographico, (completo)	600

Pedidos á

LIVRARIA FERREIRA, LIMITADA

LISBOA — R. do Ouro, 132 a 138 — LISBOA

Aguas CASTELLO DE MOURA

Explendidas e incomparaveis aguas de meza, com optimos resultados nas doenças da bexiga, rins, estomago, etc.

Deposito no norte do paiz:

26, Rua Mousinho da Silveira, 28

PORTO

SE QUEREIS EVITAR a mordedura dos *MOSQUITOS* que a maior parte das vezes são os transmissores das febres empregae

As Pastilhas

Anti-Mosquitos-Query's

Premiadas em todas as exposições, assim como o papel mata-moscas:

CEMITERIO DAS MOSCAS

Exigir bem estas marcas.
Encontra-se em todas as drogarias.

Depositario: A. VINCENT

Largo de Camões, 19, 1.º, Rocio — LISBOA

HOTEL UNIVERSAL

Proprietarios:

RAMIRES & C.ª

— Praça da Batalha — PORTO —

Hotel de primeira ordem installado no melhor sitio da cidade, com explendida sala de jantar, installações electricas, caixa de correio e explendidas casas de banho.

Preços diarios, a começar em 1$200 réis